

## Expansão do léxico português em São Tomé e Príncipe: fauna e flora

### Fauna and Flora Loanwords in São Tomé and Príncipe Portuguese

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO [gabrielaraujo@um.edu.mo]

澳门大学, University of Macau, China

Universidade de São Paulo, Brasil

#### RESUMO

Neste texto, descrevemos e analisamos a expansão do léxico relacionado à fauna e flora no português vernacular contemporâneo de São Tomé e Príncipe. A consolidação do português como língua veicular permite-nos observar como as mudanças socioculturais nos últimos cinquenta anos provocaram diferentes alterações no léxico nesse ambiente multilíngue. O modelo de similaridade perceptual aqui empregado é o mais adequado para essa situação de contato, posto que o falante, seja do grupo étnico santome ou de outros grupos, bilíngue ou não, é, mormente, o responsável pela incorporação dos empréstimos no português vernacular. Outrora dominante, o santome é falado atualmente por menos de um terço da população. Contudo, goza da prerrogativa de ter sido a língua ancestral responsável pela nomeação da fauna e flora locais, possuindo prestígio nesses domínios junto aos falantes bilíngues, passivos ou monolíngues. Os dados revelam três estratégias empregadas na incorporação de empréstimos: a nativização, o decalque e o hibridismo.

#### PALAVRAS-CHAVE

Empréstimos; São Tomé e Príncipe; português; santome; fauna e flora

#### ABSTRACT

This text describes and analyzes the expansion of fauna and flora lexicon in São Tomé and Príncipe's vernacular Portuguese. The consolidation of Portuguese as a vehicular language allows us to observe how the socio-cultural changes in the last fifty years have triggered different changes in the lexicon in this multilingual environment. Here, we use the perceptual similarity model, which is the most appropriate approach for this language contact situation since Santomeans, or other ethnic group members, whether bilingual or not, are mainly responsible for incorporating loanwords in vernacular Portuguese. Once dominant, the Santome language is now spoken by less than a third of the population. However, it enjoys the prerogative of having been the ancestral language responsible for naming the local fauna and flora. For this reason, it has prestige in these areas with bilingual, passive, and monolingual speakers. The data reveal three strategies used in the incorporation of loanwords: nativization, translation, and hybridism.

**KEYWORDS**

Loanwords; São Tomé and Príncipe; Portuguese; Santome; Fauna and flora

RECEBIDO 2021-04-30; ACEITE 2021-05-18

O autor agradece à Universidade de Macau (bolsa SRG-2019-00153-FAH) e à Universidade de São Paulo que ofereceram as condições para o desenvolvimento deste trabalho. Igualmente, agradece aos editores e a dois revisores anônimos, cujos comentários ajudaram a melhorar a qualidade do texto e da análise.

**1. Introdução**

O objetivo deste artigo é demonstrar como o léxico nos domínios da fauna e da flora da variedade da língua portuguesa contemporânea falada em São Tomé e Príncipe (STP) tem se expandido nos últimos anos com a inclusão de itens lexicais oriundos da língua forro ou santome (*cri*<sup>1</sup>), uma língua autóctone local. Assim, a pergunta que norteia esse trabalho é: como se dá a expansão lexical nas áreas de fauna e de flora do português vernacular de STP, tendo em vista sua situação de contato linguístico? Para tanto, foram identificados os padrões lexicais na adaptação de empréstimos no português vernacular contemporâneo de STP, a partir da documentação dos itens de fauna e flora encontrados na literatura, principalmente em Araujo & Hagemeyer (2013), STP (2007), Becker (2008), Rodrigues et al. (2020) e Madaleno (2020), e sua relação com a ecologia linguística local. Portanto, apresentamos a neologia e os padrões referentes à fauna e flora incorporados via empréstimo. Basicamente, listaremos três tipos de adaptação linguística: a nativização, o decalque e o hibridismo.

STP é um dos países de língua oficial portuguesa na África. Ali, a língua portuguesa está inserida em uma ecologia linguística multilíngue. Os contatos linguísticos do país moldam uma variedade de português com influências lexicais únicas, promovendo uma neologia que incorpora itens oriundos das línguas em contato. Ademais, a consolidação do português como língua veicular no arquipélago nos permite observar como as mudanças socioculturais nos últimos cinquenta anos têm provocado diferentes alterações lexicais.

O texto está organizado da seguinte maneira: inicialmente (seção 2), apresentaremos a ecologia linguística de STP. Na seção 3, serão apresentados o método e a abordagem teórica empregadas neste artigo. A seção 4 aborda as soluções para a incorporação de unidades lexicais na língua portuguesa contemporânea, cujos étimos relativos a itens de fauna e flora sejam oriundos do forro/santome, tendo sido incorporados por membros do grupo étnico forro ou por membros de outros grupos locais. Igualmente, propomos uma descrição e classificação dos dados. A última seção traz algumas considerações finais sobre o trabalho.

1 O padrão ISO 639-3: 2007 oferece um código único para identificar as línguas do mundo. Cf. *Codes for the representation of names of languages — Part 3: Alpha-3 code for comprehensive coverage of language* (<https://www.iso.org/standard/39534.html>) e Eberhard et al. (2019).

## 2. A ecologia linguística de São Tomé e Príncipe

A República Democrática de São Tomé e Príncipe é um país insular africano, formado pelas ilhas de São Tomé, do Príncipe e por três ilhéus desabitados. Atualmente, o português é a língua majoritária e veicular do território, sendo falado por mais de 98% da população (Araujo 2020c). Contudo, além do português, são faladas outras quatro línguas crioulas, todas fruto da expansão ultramarina portuguesa nos séculos XV e XVI. Inicialmente, a colonização de STP promoveu as condições para o surgimento de uma língua crioula, o protocrioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné (Bandeira 2017a; Bandeira et al. 2021; Ferraz 1979). Posteriormente, o isolamento das comunidades de falantes, a remoção de alguns grupos para as ilhas vizinhas (Príncipe e Ano Bom<sup>2</sup>), as contribuições linguísticas de levas de pessoas escravizadas falantes de línguas africanas, a atuação criativa dos falantes e o influxo constante de novos atores promoveu a especificação desse protocrioulo: o forro ou santome se desenvolveu nos centros coloniais e nos engenhos da ilha de São Tomé, ao passo que o angolar (aoa) é a língua dos descendentes de pessoas escravizadas fugidas dos engenhos e das povoações que se organizaram em comunidades de pescadores e quilombos. Adicionalmente, falantes do protocrioulo foram levados à ilha do Príncipe e à ilha de Ano Bom, onde as condições locais contribuíram à diversificação, dando origem ao lung'le ou principense (pre) e ao fa d'Ambô (fab), respectivamente (Bandeira et al. 2021).

No final do século XIX e começo do XX, trabalhadores migrantes oriundos de Cabo Verde adicionaram ao ambiente multilíngue em STP a língua kabuverdianu (kev), outro crioulo de base portuguesa. Portanto, convivem no arquipélago, o português, o santome, o angolar, o lung'le e o kabuverdianu. Adicionalmente, no período de 1890 a 1960, a importação de mão-de-obra para o trabalho nas lavouras de café e cacau também acresceu ao ambiente linguístico de STP os falantes do português dos tongas – grupo formado por trabalhadores contratados e seus descendentes, outrora confinados às propriedades rurais até pelo menos a década de 1980 (Baxter 2018; Rougé 1991), usuários de uma variedade de português inicialmente adquirida como segunda língua. No último quartil do século XX, a oficialização do português como língua oficial, a migração campo-cidade, a escolarização em massa, a mídia, e um processo contínuo de urbanização alteraram o quadro multilíngue de STP a favor da língua portuguesa, às custas das demais línguas, promovendo a obsolescência das línguas crioulas (Araujo 2020c; Bouchard 2017). Até 1975, ano da independência política de STP, a população portuguesa nunca superou 3% da população geral. Araujo (2020a: 196) afirma que:

A natureza do processo de ocupação do arquipélago e os seus ciclos econômicos, com emprego extensivo de mão de obra de origem estrangeira, estão na base dos fatores que levaram ao quadro de diversidade linguística em São Tomé e Príncipe. Entretanto, a opção da elite governante em adotar o português como língua oficial pela jovem república efetivamente criou os mecanismos para a difusão do português e também alimentou o cenário para a obsolescência das demais línguas. Ao lado de fenômenos do século XX como a urbanização, a escolarização e a difusão da mídia, associados ao prestígio socioeconômico e político do português, há em São Tomé e Príncipe um

2 Território da atual República Democrática da Guiné Equatorial. A língua fa d'Ambô não será tratada neste artigo, pois não é falada em STP.

quadro de abandono das línguas étnicas em direção à língua portuguesa. Contudo, não se trata de uma variedade idêntica ao português europeu, embora essa seja o alvo da escolarização e das elites dominantes.

A contribuição dessa ecologia linguística diversificada ao português é variada. Contudo, neste artigo, o foco será o aporte linguístico à diversificação lexical do português vernacular contemporâneo, por meio do uso de itens de fauna e flora<sup>3</sup>, oriundos do santome, incorporados por falantes do grupo étnico forro/santome, mas também por falantes de outros grupos étnicos, posto que o santome, por ter sido a língua local com mais falantes e ainda ser a língua local mais falada, era também utilizada por alguns dos membros dos outros grupos étnicos do arquipélago.

Sendo uma língua ‘filha’ do protocioulo do Golfo da Guiné (Bandeira 2017a), o santome possui alguns itens lexicais relacionados à fauna e à flora de étimo português, de línguas africanas e criados localmente, a partir de um sem-fim de recursos linguísticos. Também há os itens inventados de forma criativa, relacionados à experiência linguística local. Embora o étimo possa ser rastreado, a ocorrência de alterações fonéticas no percurso histórico das línguas, a ausência de nomeação da fauna e flora locais em língua portuguesa em várias sincronias pretéritas e a esparsa presença portuguesa no território (Araujo 2020c: 61) fizeram com que o léxico relativo a plantas e animais da língua portuguesa contemporânea recorresse ao santome (e às demais línguas faladas no arquipélago), via empréstimo. Dessa forma, muitas vezes, o percurso histórico do item lexical pode ser identificado como parte de processos linguísticos regulares e irregulares das línguas de STP, isto é, *português do século XVI, línguas africanas do século XVI > protocioulo > santome > português contemporâneo*. Cada etapa foi realizada com uma série de alterações fonéticas e morfológicas que tornam os itens lexicais opacos ao falante de cada sincronia (em uma determinada língua), ao longo do tempo. A língua kabuverdianu ficou, na maior parte do século XX, circunscrita às propriedades rurais, tinha pouco prestígio e a nomeação da flora e da fauna locais não se deu com os cabo-verdianos, posto que eram eles mesmos exógenos ao ambiente de São Tomé e Príncipe. Ademais, as características linguísticas dos itens nativizados indicam que o santome foi a língua emprestadora. Consequentemente, entender a natureza linguística e as especificidades culturais desses itens lexicais permitem ao lexicógrafo lidar com esses fenômenos de forma a abarcar os fatos linguísticos, respeitando, de um lado, as características do santome e, de outro lado, a sua incorporação ao português contemporâneo. Assim, o objetivo deste artigo é descrever e analisar o enriquecimento do léxico do português contemporâneo de STP a partir das influências lexicais locais e dos processos típicos do português na incorporação destes itens.

3 No trabalho de campo, obras científicas com ilustrações de exemplares da fauna da região foram empregadas com os informantes. A bióloga Maria do Céu Madureira contribuiu com o trabalho de identificação de muitas espécies da flora da Ilha do Príncipe, muitas das quais comuns à ilha de São Tomé.

### 3. Materiais e métodos

#### 3.1 Abordagem teórica

O termo neologia, aqui, é entendido como a criação de uma nova unidade lexical, seja recorrendo a processos autóctones de criação, seja à incorporação de formas de origem estrangeira, via adaptação linguística. Neste texto, seguindo Paradis & Label (1994), a expressão *empréstimo linguístico* será entendida com uma palavra (simples ou composta) ou uma frase oriunda de uma língua incorporada ao discurso de outra. Segundo Calabrese & Wetzels (2009: 1), as razões para a incorporação de itens lexicais via empréstimo devem-se ao fato de existirem lacunas, a serem preenchidas, considerando-se a inovação cultural, a falta de prestígio das palavras nativas (no caso, no português vernáculo), ou ainda à inserção de novas palavras introduzidas por diversão ou necessidade, para nomear cidades ou instituições etc. e, no caso em pauta, a fauna e flora da região. Contudo, deve também ser considerado o papel ativo do falante bilíngue, capaz de analisar a estrutura de suas línguas em contato (Kang 2003). Portanto, a nativização do empréstimo ocorre quando os falantes de uma língua (L1) interpretam a estrutura de outra língua (L2). Essa interpretação se dá de acordo com a estrutura de L1. Assim, no processo de adaptação do empréstimo, o falante interpreta as características convergentes dos dois sistemas, elimina os traços divergentes e aplica estratégias de reparo, quando necessárias (Calabrese & Wetzels 2009). Freitas (1992), por exemplo, demonstra que a adaptação da palavra de étimo inglês *set* [ˈset] no português brasileiro (provavelmente, dialeto carioca) se deu a partir da manutenção das características convergentes, no caso, a sequência das consoantes e vogais similares, seguida pela manutenção do acento na sílaba inicial. Contudo, é necessária a aplicação de uma estratégia de reparo, pois o português do Brasil não permite sílabas terminadas em consoantes obstruintes. A fim de evitar esse padrão silábico, uma vogal é inserida após o [t], gerando uma nova sílaba [ti]. Posteriormente, essa sílaba sofre o processo de palatalização, resultando em [tʃi]. A forma nativizada [ˈse.tʃi] difere da forma inglesa por possuir duas sílabas e ter aplicado uma estratégia de reparo que inseriu mais dois segmentos.

Viaro (2011: 98) afirma que ‘dadas duas línguas quaisquer, se um elemento de seu vocabulário é parecido ou idêntico, tanto no significante, quanto no significado, isso pode dever-se basicamente a três fatores distintos: coincidência, empréstimo ou origem comum.’ A hipótese da simples *coincidência* é descartada baseada na regularidade dos padrões entre os termos de uma língua e outra. Ademais, a *origem comum* também não se sustenta posto que a presença massiva da língua portuguesa em STP é um fenômeno dos últimos setenta anos, posterior à difusão do santome no território e ao estabelecimento imemorial dos itens lexicais no santome (Araujo 2020c; Bandeira 2017a; Bouchard 2019). Mesmo que a língua portuguesa gozasse de prestígio por ser o idioma da potência colonial, os dados demonstram que, de 1807 até 1975, o contingente de portugueses nunca ultrapassou 3% da população (Araujo 2020c; Nascimento 2000). Por isso, as práticas de nomeação da fauna e da flora no período não se limitou à língua portuguesa. Dessa forma, o intercâmbio linguístico exerceu um papel na neologia do território. Portanto, a hipótese segundo a qual os itens lexicais são um produto do *empréstimo linguístico* norteará este texto, posto que as línguas se encontram em contiguidade espacial, estão comprovadamente em contato linguístico, tanto com falantes monolíngues e bilíngues, e o santome goza da prerrogativa de ter sido a língua ancestral responsável pela nomeação

da fauna e flora locais, possuindo, por conseguinte, prestígio cultural nesses domínios junto aos falantes de português, muitos dos quais bilíngues, usuários passivos de santome ou descendentes de comunidades de falantes dessa língua ou das demais línguas no país.

Adicionalmente, faz-se necessária uma distinção entre os termos étimo e origem. O étimo é, segundo Viaro (2011: 99), uma ‘forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer’. Portanto, afirmar que um item lexical possui étimo português significa defender que o item lexical foi tomado dessa língua, isto é, como a última forma de um passado reconhecível. Assim, podemos dizer que o étimo da palavra santome **kimoni** [ki'mõni] ‘quimono’ é português, pois o vocábulo chega ao santome via português. Entretanto, o termo **quimono**, para o português, possui étimo japonês, pois essa língua foi a fonte para a incorporação da palavra. Porém, para o santome, a informação sobre a origem ser o japonês é irrelevante. Dessa forma, para o santome, o étimo português *quimono* é a sincronia pretérita relevante. Destarte, neste artigo utilizaremos o termo étimo, seguindo Viaro (2011).

### 3.2 Formação do corpus

Os dados utilizados neste estudo incluem itens lexicais de fauna e flora empregadas na variedade vernácula do português contemporâneo falado em STP. Seguindo Araujo (2020b), esses termos serão identificadas como santomensismo, isto é, palavras típicas do português vernacular de São Tomé e Príncipe. O *corpus* foi coletado em fontes diversas, sobretudo no *Dicionário Santome/Português* (Araujo & Hagemeyer 2013), doravante (A & H 2013), no *Relatório Nacional sobre a Biodiversidade em São Tomé e Príncipe* (STP 2007), e em trabalhos sobre flora e fauna (Figueiredo 1994; Jones & Tye 2006; Madaleno 2020; Peet & Atkinson 1994; Rodrigues et al. 2020). Como será demonstrado, os itens de empréstimo provêm mormente do santome, a mais bem documentada língua autóctone do arquipélago.

Como critérios de seleção do corpus, consideramos o fato de um item lexical:

- 1) a) nomear um espécime de fauna ou flora
- b) ter sido adaptado via empréstimo

Assim, o corpus contém exemplares endêmicos, isto é, itens lexicais que nomeiam a fauna e a flora que ocorram exclusivamente em STP, e não-endêmicos, ou seja, aqueles encontrados em STP, mas também na região do Golfo da Guiné, na África Ocidental e outros lugares<sup>4</sup>. Adicionalmente, os itens lexicais devem apresentar um processo de adaptação ou nativização, via empréstimo para o português contemporâneo.

Dessa forma, os itens lexicais aqui considerados relevantes são exemplos típicos de empréstimo, com uma correspondência entre o termo português e o item santome. O item de flora *Alchomea cordifolia*, em (2)a, por exemplo, é incorporado, ao português, como bengue. Nesse caso, houve uma adaptação ortográfica (bengue/*bengi*) e uma adaptação na qualidade da vogal final. O item

4 Madaleno (2020: 1) afirma que ‘Exotic species and natural remedies have enriched this native pharmacy, meaning ST Equatorial Island. Healing traditions are local, but traditional medicinal knowledge (TMK) was also imported from Europe and other African locations and islands (Angola and Cabo Verde Archipelago), and from Brazil.’

lexical usado para nomear a ave endêmica *Speirops lugubris* é, em português vernacular, um decalque, posto que **wê-glosu**, o termo santome, significa literalmente olho-grosso, em (2)b. Por fim, em (2)c, temos uma forma híbrida, com uma parte contendo um componente nativizado e a segunda parte do composto contendo um termo consagrado em português<sup>5</sup>.

- 2) a) Bengue. *Alchomea cordifolia*<sup>6</sup>  
 b) Olho-grosso. *Speirops lugubris*<sup>7</sup>  
 c) Gligô-do-mato. *Sacosperma paniculatum*<sup>8</sup>

Foram excluídos do corpus itens lexicais de exemplares endêmicos que possuam nomes vernaculares consagrados no português local. Nesse caso, o item lexical equivalente em santome pode ser resultado de um empréstimo do português, como em (3)a. No exemplo (3)b, há um equivalente em português para o espécime, portanto, não se trata de um empréstimo. O equivalente difere do termo santome completamente e não é possível argumentar que se trata de um decalque ou item contendo componentes híbridos. Em outros casos, o espécime ainda não possui um equivalente vernacular, como em (3)c, seja em português, seja em santome. Neste caso, a espécie *Hyperolius drewesi*, uma rã, foi descrita somente em 2016, possui um habitat com presença mínima de seres humanos, e não possui valor comercial ou terapêutico (Bell 2016).

- 3) a) Cherne. *Polyprion americanus*<sup>9</sup>  
 b) Pau-sabrina. *Musanga cecropioides*<sup>10</sup>  
 c) *Hyperolius drewesi*

Outrossim, a presença no corpus não é garantida simplesmente pelo fato de o item de fauna e flora ser endêmico às Ilhas de São Tomé e Príncipe. Assim, o item de fauna cujo nome científico é *Columba thomensis*, uma ave endêmica da Ilha de São Tomé, conhecida em português como *pombo de São Tomé* foi excluído, por possuir um equivalente vernáculo em português. Em santome, essa ave recebe o nome de **pombin** [põ'bĩ] (A & H 2013, s.v.).

### 3.3 Considerações breves sobre as fonologias das línguas em contato

Nesta seção, apresentamos brevemente alguns pontos relevantes sobre as fonologias das línguas em contato. Assim, do ponto de vista linguístico, considerando as características convergentes e divergentes, faz-se necessária uma breve apresentação de alguns aspectos das línguas em tela,

5 Os exemplos fazem referência à lista português-santome do *Dicionário Santome-Português* (Araujo & Hagemeyer 2013). Portanto, trata-se de um item lexical do português vernacular, acompanhado, em nota de rodapé, quando relevante, da forma santome, esta seguida pela transcrição fonética, pelo equivalente em português e pelo nome científico.

6 Em santome: **bengi** ['begi] (n.) Bengue. *Alchomea cordifolia*. (A & H 2013, s. v.).

7 Em santome: **wê-glosu** ['we 'glosu] (n.) Olho-grosso. *Speirops lugubris* (A & H 2013, s. v.).

8 Em santome: **gligô-d'òbô** [gli'go do'bo] (n.) Gligô-do-mato. *Sacosperma paniculatum*. (A & H 2013, s. v.).

9 Em santome: **seni** ['seni] (n.) Cherne. *Polyprion americanus*. (A & H 2013, s. v.).

10 Em santome: **gofi-d'òbô** ['gofi do'bo] (n.) Pau-sabrina. *Musanga cecropioides*. (A & H 2013, s. v.).



principalmente de ordem segmental e suprasegmental. A fonologia do santome possui vinte e uma consoantes, /p, b, t, d, k, g, v, f, z, s, ʒ, ʃ, dʒ, tʃ, l, ʎ, m, n, ɲ, w, j/ e sete vogais orais, /i, e, ε, a, o, u/ (Agostinho et al. 2020; Bandeira 2017a; Ferraz 1979). Não há vogais fonologicamente nasais, pois a nasalidade é resultante do espalhamento do traço [nasal] de uma consoante nasal sem ponto de articulação especificado na coda para a vogal heterossilábica precedente (Araujo & Balduino 2019). O santome apresenta os seguintes tipos silábicos: V, CV, VC, CCV, CCVC, CVC, CCCV e CCVC. As consoantes consoantes podem ocorrer em onset em início e meio de palavra, sendo que as consoantes palatais foram documentadas somente na posição de onset no meio de palavra. O segundo elemento consonantal do onset de sílabas do tipo CCV pode ser uma das consoantes aproximantes /l, w, j/, caso o primeiro elemento seja /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/, /f/, /v/, /m/ ou /n/. As consoantes /p/, /t/, /k/, podem ocupar a segunda posição de um onset complexo desde que na primeira posição esteja a consoante fricativa pós-alveolar /ʃ/. Há um onset supercomplexo formado por /ʃ/ precedido por /p/, /t/, /k/ e a lateral /l/ na terceira posição.

O português vernacular de STP, por sua vez, possui 18 consoantes /p, b, t, d, k, g, v, f, z, s, ʒ, ʃ, l, ʎ, m, n, ɲ, r/ e sete vogais orais /i, e, ε, a, o, u/ (Balduino 2018). Não há vogais fonologicamente nasais, pois a nasalidade é resultante do espalhamento do traço [nasal] de uma consoante nasal sem ponto de articulação especificado na coda para a vogal precedente, de forma semelhante ao santome (Araujo & Balduino 2019). Os tipos silábicos encontrados, V, CV, VC, CVC, CCV, CCVC e CCVC, diferem minimamente do santome, no que diz respeito aos elementos do onset complexo, não permitindo, por exemplo, o onset complexo [ml]. Dessa forma, se, de um lado, o sistema segmental do santome é muito próximo do português, sendo a ausência de róticos no santome um ponto de destaque, de outro lado, o sistema silábico apresenta algumas diferenças relevantes que poderão engatilhar estratégias de reparo, distanciando a forma nativizada em português da forma santome.

O português é, atualmente, a língua dominante em STP. Aproximadamente 98,4% da população fala ou declara falar o português, adquirido na segunda metade do século XX, principalmente como segunda língua pela população de STP, mas atualmente adquirido como primeira língua pela maior parte da população local (Araujo 2020a: 191) :

a língua portuguesa é falada de forma quase absoluta (97,18%) pelo principal grupo etário em STP: a população com menos de 20 anos (em 2011, [esse grupo] totalizava 93.507 pessoas, 53,54% do total). O fato de essa língua ser falada de forma quase exclusiva por esse grupo provém do cruzamento dos dados com as línguas mais faladas pelos outros grupos, ou seja, 18.024 (19,28%) indivíduos com menos de 20 anos falam também outras línguas que não o português. Portanto, cerca de 80% das pessoas com menos de 20 anos só fala o português.

Ao mesmo tempo, as demais línguas do território perdem prestígio e falantes. Ainda segundo, Araujo (2020a: 190), em 2012, 33,57% da população, por exemplo, declarava também falar o santome, incluindo falantes nativos e aqueles com variados graus de proficiência, ao passo que na década de 1960, cerca de 73% da população da ilha falava essa língua. Assim, ainda havendo uma parte bilíngue ou com domínio passivo da língua, a incorporação de itens lexicais de uma língua para a outra depende mormente dessa situação de bilinguismo.



Há vários modelos linguísticos que buscam explicar como se dá o processo de adaptação linguística em situações de contato. O Modelo da Adaptação Perceptual (Best & Tyler 2007), por exemplo, pretende explicar os efeitos da língua materna (L1) na percepção dos contrastes da segunda língua (L2). Assim, os segmentos da segunda língua são percebidos de acordo com as características convergentes dos segmentos de L1. Os segmentos de L2 seriam assimilados quando categorizados e percebidos como semelhantes. No nosso caso, todos os segmentos são passíveis de serem categorizados como semelhantes, dada a convergência segmental e silábica entre as línguas, exceto no que diz respeito a alguns tipos de padrões silábicos e róticos. Já a adaptação através da produção ocorre baseada nas características da gramática da língua receptora. Assim, Paradis (1996) e Paradis & Label (1994) propõem uma teoria de restrições e estratégias de reparo, que, de um lado, impediria a incorporação de elementos exógenos dentro do sistema da língua receptora via restrições de boa-formação e que, de outro, ajustaria esses elementos ao quadro existente via reparo, isto é, adaptação de segmentos malformados, adequando-os às possibilidades do sistema. Destarte, os empréstimos podem ser ou ter sido incorporados por falantes bilíngues que tinham como objetivo, a partir de seu conhecimento de santome, preencher lacunas no português. Assim, a nativização poderia ocorrer através da similaridade perceptual. Calabrese & Wetzels (2009: 10) conciliam essas duas abordagens:

In this nativization scheme, a bilingual borrower first produces the word in L2 and then uses that surface representation as input to the nativization process, which is phonological. If this is correct, the perceptual stance and phonological stance models no longer need be contrasted, and could be largely unified: the input to nativization is always phonetic, the word as it is “heard”. The treatment, on the other hand, is always phonological and it can occur either during perception or during production.<sup>11</sup>

Embora não excludentes, as duas propostas ignoram os falantes monolíngues. Por isso, Steriade (2002), Kang (2003), Walker (2007) trabalham em um modelo que permite integrar a similaridade perceptual à gramática de produção da língua receptora. Assim, os segmentos e estruturas tendem a ser preservados e os reparos, se necessários, promovem modificações mínimas. Dessa forma, os elementos que não podem ser adaptados são excluídos (via apagamento), interpretados como elemento que existem no sistema ou realocados de posição silábica, quando possível. Esse modelo atribui ao falante da língua receptora um papel ativo, permitindo que recorra ao conhecimento implícito da semelhança fonética para promover as adaptações necessárias. Portanto, o modelo de similaridade perceptual é o mais adequado para essa situação de contato, pois, na ecologia linguística de STP, o falante do grupo étnico santome com conhecimentos passivos limitados ou mesmo sem conhecimentos da língua local também pode incorporar palavras no português.

Um outro aspecto a ser considerado é a adaptação gráfica. O português é uma língua com uma longa tradição ortográfica. O santome, contudo, é basicamente uma língua de tradição oral, com

11 ‘Nesse esquema de nativização, o tomador de empréstimo bilíngue primeiro produz a palavra em L2 e então usa essa representação de superfície como *input* para o processo de nativização, que é fonológico. Se isso estiver correto, os modelos de estância perceptual e de estância fonológica não mais precisarão ser contrastados, e poderiam ser amplamente unificados: o input para nativização é sempre fonético, a palavra como é ‘ouvida’. O tratamento, por um lado, é sempre fonológico e pode ocorrer seja durante a percepção ou durante a produção.’ Tradução de Bandeira (2017b: 58).

poucos registros escritos. Embora haja um sistema aprovado pelo governo central, denominado Alfabeto unificado para as línguas de São Tomé e Príncipe, ALUSTP (Araujo & Agostinho 2010), ainda é comum encontrarmos itens do santome documentados em escritas idiossincráticas, baseadas mormente na escrita do português (Becker 2008; Madaleno 2020; Rodrigues et al. 2020; STP 2007), principalmente nas fontes anteriores ao estabelecimento desse sistema. Os autores que empregam um sistema gráfico baseado no português oferecem soluções díspares que incluem ora a adoção das consoantes <k>, <y>, <w>, usadas amplamente do santome, ora a adaptação para os grafemas <c, qu, k>, <i>, <u>, respectivamente, usados no português. Enquanto os autores de STP (2007) grafam *fiá*, A & H (2013) optam por *fya* para a palavra santomense [ˈfja] ‘folha’. No ALUSTP, o diacrítico circunflexo e sua ausência nas vogais médias promovem a distinção entre as vogais [e] e [ɛ], e [o] e [ɔ], respectivamente. Nas grafias idiossincráticas, os diacríticos circunflexo e o grave, na maior parte das vezes, representam o acento lexical. Portanto, cada autor comumente opta por um sistema misto, exceto Araujo & Hagemeyer (2013) que empregam o ALUSTP.

A & H (2013) é um dicionário bilingue santome/português que contém também uma lista de palavras português/santome, exemplificada em (4). Portanto, além do dicionário santome/português, os autores trazem uma lista de palavras português/santome, que é o nosso objeto de estudo.

- 4) a) *Tese. Rinorea thomensis*<sup>12</sup>  
 b) *Gugu d'awa*. Espírito de água doce. (A & H 2013, s. v.)  
 c) *Pyadô-zawa*. Terapeuta tradicional que examina a urina. (A & H 2013, s. v.)

Em (4)a, A & H (2013) apresentam a entrada lexical para nomear a espécie *Rinorea thomensis*, uma violácea, endêmica em STP, sem equivalente consagrado no português padrão (tanto no vernáculo local, como nas demais variedades), mas cuja forma nativizada é empregada no português vernacular. Portanto, a entrada do dicionário contém uma forma correspondente não consagrada (ainda) na lexicografia portuguesa. Assim, os autores optaram por documentar o item lexical em português vernacular relacionado à forma da língua santome. Do mesmo modo, essas formas eram dadas como equivalentes vernaculares pelos informantes, ou seja, ao lidarem com os itens lexicais em santome que, de fato, eram empregados pelos falantes de português, os autores, documentaram, na prática, formas do vernáculo português incorporadas a partir do santome. Igualmente, foram documentados no dicionário lemas de itens específicos à cultura local (realia), como (4)b, no qual se tem um nome genérico para um espírito de água doce — rios, lagos, pântanos etc. (Araujo 2020b). Logo, não se trata de um espírito específico. Em (4)c, por sua vez, há especificidade no nome do terapeuta tradicional dedicado a examinar sensorialmente a urina (através do cheiro, textura, sabor, coloração e impurezas) de pacientes com problemas renais ou com diabetes. Nos três casos, os itens lexicais não possuem equivalentes em língua portuguesa e, portanto, optou-se pela repetição do termo santome.

No *Dicionário Santome/Português* estão listadas aproximadamente 8300 entradas. Dessas, cerca de 600 entradas (aproximadamente 7,5%) correspondem a itens de fauna e flora. A & H (2013) listam um total de 350 itens do santome que possuem um ou mais de um equivalente consagrado no português vernacular. Dessa forma, os exemplos em (5) não se constituem itens lexicais nati-

12 Em santome: *tese* [teˈse] (n.) *Tese. Rinorea thomensis* (A & H 2013, s. v.). Aparece como <tesse> em STP (2007: 82).

vizados localmente e podem ser descritos como ‘equivalentes’. Esses itens lexicais de fauna e flora são de exemplares exógenos à STP e ocorrem em outras variedades do português.

- 5) a) Garoupa de pintas. *Cephalopholis taeniops*<sup>13</sup>
- b) Dama-da-noite. *Mirabilis jalapa*<sup>14</sup>
- c) Erva-boi. *Setaria megaphylla*<sup>15</sup>

O material do *Relatório Nacional sobre a Biodiversidade em São Tomé e Príncipe* (STP 2007) contém dados que também revelam a incorporação de palavras do santome no português vernacular. Contudo, o emprego é inconsistente (ver Tabela 1), pois o trabalho não segue um padrão, posto que são empregados os termos em inglês ‘vernacular’, ‘local name’, ‘common name’, ‘Portuguese name’, ‘STP name’ e muitas vezes, um rótulo inclui mais de uma língua. Na página 80, por exemplo, ‘local name’ significa itens nativizados e em português padrão. Na página 85, na legenda da tabela 4 de STP (2007: 85), lê-se ‘Inventory of main alimentary species of Santomean flora: Classification by (Portuguese) alphabetical order of vernacular names’. No entanto, há nomes somente em inglês (pineapple, cashew, eggplant, etc.). Já na página, 86, a legenda da tabela 5 (Main medicinal species of Santomean Flora: in alphabetical order, per local name) menciona nomes locais, sem especificar a língua. Há itens consagrados em português, como ananás, cacauero, etc., mas há itens que são exemplos de nativização, como bengue. Curiosamente, há itens híbrido inglês-português, como leaf-da-mina. Nas páginas 102, 107, 109, ‘vernacular’ se refere ao inglês. Contudo, a tabela 13, da página 107, é inconsistente, pois podemos encontrar exemplos em inglês (S. Tomé dwarf olive ibis), em português (pato marinho), e nativizados (Selelé-mangotchi). Na tabela 18, os autores empregam ‘locally known as’ e incluem itens lexicais em inglês, como ‘shrimp’. Na tabela 19, ‘local name’ parece se referir a nativizações. Na tabela 20, ‘local name’ se refere a itens em português padrão e nativizados, como em ‘tartaruga bastarda, tatô’, mas também contém itens nativizados e em inglês, como ‘ambô or white hand’. Embora haja inconsistências, de maneira fundamental, há claramente uma intenção de descrever os itens lexicais que circulam com os nomes empregados pelas pessoas e com uma grafia adaptada, baseada na ortografia portuguesa.

**Tabela 1:** Sistema de classificação das palavras, segundo STP (2007).

Tabelas	Rótulo	Nativizados	Português	Inglês
1, 3, 5, 7, 8, 11, 17,	local name, Portuguese name, STP name, nome vernacular	✓	✓	
13, 15, 20	nome vernacular, local name	✓	✓	✓
19	local name		✓	
9	local name	✓		
4, 10, 12, 14, 18, 21	vernacular, commom name			✓

Fonte: elaborado pelo autor.

13 Em santome: **bôbô-kema** [bo'bo 'kema] (n.) Garoupa de pintas. *Cephalopholis taeniops* (A & H 2013, s. v.)

14 Em santome: **loza-bilanza** [l'loza bi'lãza] (n.) Dama-da-noite. *Mirabilis jalapa* (A & H 2013, s. v.)

15 Em santome: **wagawaga** [l'waga'waga] (n.) Erva-boi. *Setaria megaphylla* (A & H 2013, s. v.)

Portanto, o trabalho STP (2007) foi empregado como uma fonte complementar ao Dicionário Santome/Português. De qualquer forma, materiais como STP (2007) e A & H (2013), e outras fontes diversas, podem alimentar obras lexicográficas do português, especialmente aquelas variedades empregadas nos países africanos de língua oficial portuguesa (cf. Bacelar do Nascimento, 2006; 2013). Na próxima seção, procederemos à descrição e análise dos dados.

## 4. Análise

A formação do protocioulo de base portuguesa do Golfo da Guiné e sua posterior especiação em quatro línguas no século XVI estão relacionados ao sistema colonial implantado nas, até então, desabitadas ilhas de São Tomé e Príncipe e de Ano Bom. A importação de milhares de pessoas escravizadas de origem africana, sequestradas no continente, principalmente nas regiões do Delta do Níger, Congo e Angola, e o convívio com colonos portugueses de origem europeia promoveram a emergência do protocioulo. Contudo, as dezenas de línguas maternas dos escravos, o português dos colonos europeus e suas culturas, incluindo suas cosmologias e práticas neológicas, associadas à natureza mesma dos ambientes insulares com sua fauna e flora endêmicas promoveram a nomeação de um novo universo, sem paralelo na língua portuguesa. Dessa forma, como quaisquer línguas naturais, o santome e as demais línguas locais possuem itens lexicais que refletem essas especificidades. A incorporação de palavras relacionadas à fauna e à flora no português vernacular contemporâneo, portanto, tem a dupla função de preservar esse conhecimento ancestral santome e preencher as lacunas lexicais no português. Ao mesmo tempo, espécimes autóctones tendem a possuir um nome consagrado em língua portuguesa pelo fato de serem alvo de pesquisas acadêmicas e receberem atenção de especialistas ocidentais em fauna e flora. Adicionalmente, não foram detectados padrões especiais ou práticas de nomeação se o item era um espécime de fauna ou flora. Analisaremos, inicialmente, os padrões linguísticos dos itens lexicais em conjunto, a partir de uma série de estratégias, como a nativização/adaptação, o decalque e o hibridismo.

**Tabela 1:** Neologia de fauna e flora por empréstimo no português de STP

Empréstimos	272
nativização	164
decalque	74
híbrido	34

Fonte: Elaborado pelo autor

### 4.1 Nativização

O termo nativização ou adaptação é aqui empregado para definir um processo de adaptação que resulta na eliminação de elementos segmentais e suprasegmentais exógenos de uma palavra ou expressão, mantendo seu significado. Assim, os termos classificados como adaptados ou nativizados no português contemporâneo de STP são aqueles cujas formas são próximas ou idênticas às

formas da língua santome, porém passaram por processos de incorporação típicos do português. Por outro lado, os itens *Morinda lucida*, uma planta usada em terapias tradicionais, em (6)a, e *Dialium guineense*, (6)b, outra planta medicinal, foram incorporados sem alterações fonéticas, posto que a correspondência era total entre os segmentos e sílabas do santome e do português.

- 6) a) Kolema-dôdô [ˈkɔləma doˈdo] *Morinda lucida*<sup>16</sup>  
 b) Salamba [salɛˈba] *Dialium guineense*<sup>17</sup>

O item lexical *Dactylopterus volitans*, (7), foi adaptado para o português com uma adição de um traço nasal na vogal final, resultando em [kɔˈkɔ̃], adaptado ortograficamente para *concon*<sup>18</sup>, posto que na língua santome, a pronúncia mais comum para este item é [kɔˈkɔ], sem traços de nasalidade na sílaba final. Este processo fonológico de apagamento da nasalidade final é, conforme descrito por Lee (2003), comum em vários dialetos do português do Brasil e no português de São Tomé (Balduino & Araujo 2021). A Figura 1 mostra uma foto do exemplar, seu nome científico, seguido do nome em vernáculo (português), nome em inglês e tamanho máximo, como registrado por Rodrigues et al. (2020).

- 7) Konko, *concon*. *Dactylopterus volitans*<sup>19</sup>

Adicionalmente, é também comum que haja dois itens lexicais vernáculos para o mesmo espécime, seja em santome, seja em português. Assim, em santome, a planta *Adenostemma perrottetii* possui duas formas vernáculos em variação (**tonfonso** e **tonifonso**). Igualmente, ambas as pronúncias [tõˈfõsu] e [toniˈfõsu] são aceites no português local. Portanto, foram incorporadas ao português as duas as formas.

- 8) Tonfonso, tonifonso. *Adenostemma perrottetii*<sup>20</sup>

Um caso oposto, contudo, revela que alguns espécimes, embora sejam, do ponto de vista biológico, morfologicamente distintos, podem receber o mesmo nome em santome e no português vernacular (Figura 2), como citado por STP (2007: 104) e Rodrigues et al. (2020). O trabalho de Araujo & Hagemeyer (2013: s.v.) contém referências para a espécie *Auxis thazard*. Contudo, não há em A & H (2013) referências ao espécime *Euthynnus alletteratus*.

A Tabela 2 apresenta uma lista de itens lexicais nativizados, grafados de acordo com a ortografia portuguesa (coluna 1) e o sistema do ALUSTP, na coluna 2 (A & H 2013). Os dados da coluna 1 contêm grafias divergentes e provêm de STP (2007), Becker (2008), Rodrigues et al. (2020) e Madaleno (2020). Como mencionado, STP (2007) é o trabalho que contém o maior número de palavras documentadas de fauna e flora do país, excluindo o *Dicionário Santome/Português*.

16 Em santome: **kolema-dôdô** [ˈkɔləma doˈdo] (n.) Kolema-dôdô. *Morinda lucida*. (A & H 2013, s. v.).

17 Em santome: **salamba** [salɛˈba] (n.) Salamba. *Dialium guineense*. (A & H 2013, s. v.).

18 Conferir *Fishbase*: <https://www.fishbase.se/ComNames/CommonNameSummary.php?autoctr=16761>

19 Em santome: **konko** [kɔˈkɔ] (n.) Konko. *Dactylopterus volitans* (A & H 2013, s. v.). O item lexical aparece como *concon* em STP (2007: 103) e em Rodrigues et al. (2020).

20 Em santome: **tonfonso** [tõˈfõsu] (n.) Tonfonso. *Adenostemma perrottetii*. (A & H 2013, s. v.); **tonifonso** [toniˈfõsu] (n.) Tonifonso. *Adenostemma perrottetii*. (A & H 2013, s. v.).





Figura 1: Peixe concon. Fonte: STP (2007) e Rodrigues et. al 2020.

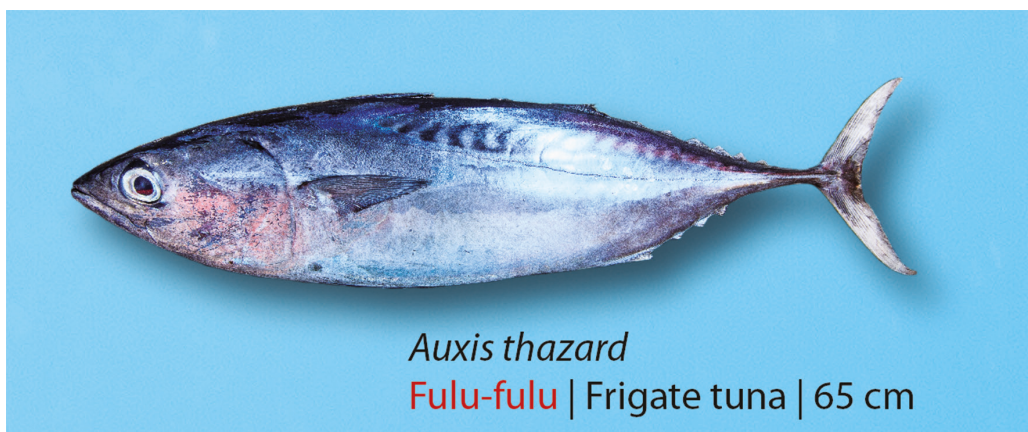
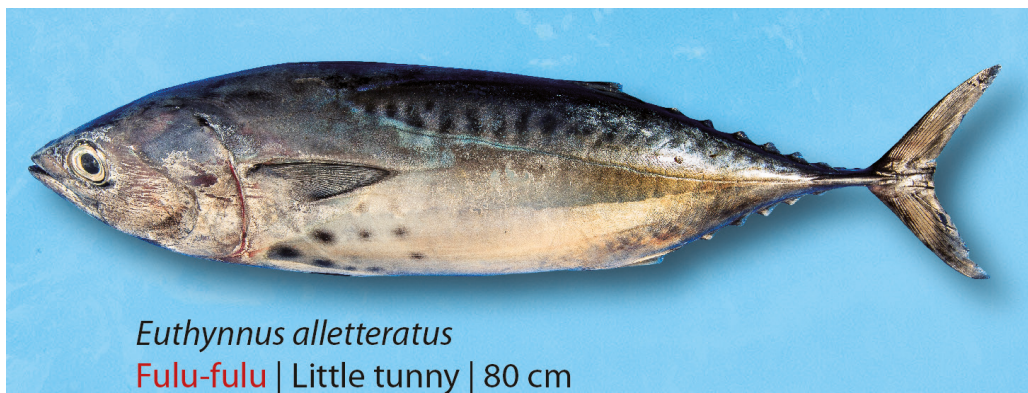


Figura 2: Item lexical fulu-fulu. Fonte: Rodrigues et al. 2020.

**Tabela 2:** Itens lexicais nativizados.

Itens nativizados e nomes/grafias alternativas	Nome científico
Alada	<i>Elagatis bipinnulata</i>
Ambo, ambó	<i>Chelonias mydas</i>
Andim, Palmeira-de-Andim	<i>Elaeis guineensis</i>
Anjogo, Tristema	<i>Tristemma mauritianum</i>
Anjolo, Enjoló	<i>Neospiza concolor</i>
Bala-bala, Bala bala, mulato	<i>Paranthias furcifer</i>
Bana-mié-osan	<i>Indigofera spicata</i>
Banka	<i>Tephrosia vogelii</i>
Bebeka, Bebeca	<i>Trachinotus ovatus</i>
Bengue	<i>Alchornea cordifolia</i>
Benko	<i>Pelusios castaneus</i>
Bica	<i>Lethrinus atlanticus</i>
Bôbôbôbô	<i>Casearia barteri</i>
Bonga, Boga	<i>Boops boops</i>
Bogoto	<i>Pollia condensata</i>
Bulhão	<i>Bodianus speciosus</i>
Buli, Cata dõbô	<i>Voacanga africana</i>
Bunga, Pau candeia	<i>Hernandia beninensis</i>
Cabolé, pau caboré	<i>Anisophyllea cabole</i>
Cólima	<i>Lonchocarpus sericeus</i>
Columpia balabo, Colepinha malabo	<i>Albula goreensis</i>
Come-mole, Come mole, Come-morre	<i>Scorpaena laevis</i>
Dain	<i>Lomariopsis guineensis</i>
Dumbu	<i>Solanum americanum</i>
Figo-tordo	<i>Ficus pumila</i>
Fisandja, Fissanjá	<i>Adenia cissampeloides</i>
Fulu-fulu, Fulu fulu	<i>Euthynnus alletteratus</i>
Fulu-fulu, Fulu fulu	<i>Auxis thazard</i>
Fya-bôba-nglandi	<i>Begonia ampla</i>
Fya-bôba-pikina	<i>Piper capense</i>
Fya-da-mina-galu	<i>Kalanchoe crenata</i>
Fya-damiso	<i>Nervilia bicarinata</i>
Fya-dentxi	<i>Acmella caulirhiza</i>
Fya-galu	<i>Heliotropium indicum</i>



Itens nativizados e nomes/grafias alternativas	Nome científico
Fya-glavana	<i>Phaulopsis micrantha</i>
Fya-keza-ome	<i>Spermacoce verticillata</i>
Fya-male, Folha male, macho e fêma	<i>Ageratum conyzoides</i>
Fya-vinte	<i>Desmodium adscendens</i>
Gêgê	<i>Pseudospondias microcarpa</i>
Gêgê-fasu, Guêguê fassu, Vela	<i>Polyscias quintasii</i>
Gincló, Giclo, Urucu	<i>Bixa orellana</i>
Gligô, Grigô	<i>Morinda lucida</i>
Gófe, Embaúba	<i>Musanga cecropioides</i>
Golepin	<i>Alphestea afer</i>
Izaquente	<i>Treulia africana</i>
Kanga, Cangá, Canga	<i>Pontinus kuhlii</i>
Kata-d'obô, Cata d'obô	<i>Tabernaemontana stenophylon</i>
Kata-kiyô	<i>Voacanga lemosii</i>
Kata-kwene, Cata Grande	<i>Rauwolfia caffra</i>
Kata-manginga	<i>Rauwolfia vomitoria</i>
Katxina-gêsa	<i>Clausena anisata</i>
Kimi-pletu	<i>Newbouldia laevis</i>
Kitoli, Kitolí	<i>Otus hartloubi</i>
Kodo-d'awa	<i>Psydrax acutiflora</i>
Kodo-ke	<i>Paullinia pinnata</i>
Kolema-dôdô	<i>Milletia barteri</i>
Kôlêpyan-ba-labu, Colepinhá balabo	<i>Elops senegalensis</i>
Konko, Concon	<i>Dactylopterus volitans</i>
Kota-wê, Cota-oyo	<i>Cephalopholis nigri</i>
Kundu-di-mwala-ve	<i>Acanthus montanus</i>
Kuxpila	<i>Tetrapleura tetraptera</i>
Kwaku-bangana, Stala-stala	<i>Ophiobotrys zenkeri</i>
Kwaku-blanku, Quaco-branco	<i>Celtis prantlii</i>
Kwaku-maguita	<i>Psychotria subobliqua</i>
Kwakwa- klôsô	<i>Alternanthera sessilis</i>
Libô-d'awa, Lobô d'água	<i>Struchium sparganaphorum</i>
Libô, Libô muncambú, Libô mucambú	<i>Vernonia amygdalina</i>
Luba	<i>Parkia oliveri</i>
Macambrara, Macambrará	<i>Craterispermum montanum</i>

Itens nativizados e nomes/grafias alternativas	Nome científico
Makêkê	<i>Solanum naumannii</i>
Mako	<i>Isurus axyrinchus</i>
Makundja	<i>Mucuna pruriens</i>
Malapião, Marapião	<i>Zanthoxylum gillettii</i>
Malimboki, Malimboque	<i>Oncoba spinosa</i>
Mamalongô	<i>Luffa aegyptiaca</i>
Mambléblé	<i>Brillantaisia patula</i>
Mamonó	<i>Ricinus communis</i>
Manaka, Manaca	<i>Brunfelsia uniflora</i>
Manjoló	<i>Solenostemon monostachyus</i>
Mangona	<i>Carcharias taurus</i>
Manguçu	<i>Thaumatococcus daniellii</i>
Má-pinta	<i>Rhincodon typus</i>
Makêkê, Maquequé	<i>Solanum macrocarpum</i>
Matabala	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>
Matapasso	<i>Pentadesma butyraceum</i>
Matazen	<i>Merremia aegyptia</i>
Matchiá-vagé	<i>Sula leucogaster</i>
Matu-kana	<i>Mikania chenopodiifolia</i>
Matxanzoxi, Matchanzoche	<i>Syzygium guineense</i>
Maxipombo, Maxipombô	<i>Hemiramphus balao</i>
Mayoba-beni, Maioba beni	<i>Cassia sophera</i>
Me-solo, Peixe-sol	<i>Heteropriacanthus cruentatus</i>
Mikondo, Micondó	<i>Adansonia digitata</i>
Milondo, Milondó-homem	<i>Acridocarpus longifolius</i>
Mpyala	<i>Olyra latifolia</i>
Mpyan-kabla	<i>Alternanthera pungens</i>
Mucumba, Teia-teia	<i>Rothmannia urcelliformis</i>
Mukamba-vlêmê	<i>Chlorophora excelsa</i>
Mukumbli, Mucumbli	<i>Lansea welwitschii</i>
Musampyan	<i>Hibiscus surattensis</i>
Musanda	<i>Ficus annobonensis</i>
Musanfi	<i>Cleome rutidosperma</i>
Mutopa	<i>Maesa lanceolata</i>
Mwandin-ome	<i>Cnestis ferruginea</i>

Itens nativizados e nomes/grafias alternativas	Nome científico
Mwindlu, Muindo	<i>Bridelia micrantha</i>
Nasika, Nasika de Bocage	<i>Amaurocichla bocagii</i>
Nhange-d'òbô	<i>Marattia fraxinia</i>
Nono	<i>Canthium subcordatum</i>
Obá, Oba, Magloso, Pau	<i>Mammea africana</i>
Ôbata, Figo-obata, Figo obato	<i>Ficus chlamydocarpa</i>
Ocá	<i>Ceiba pentandra</i>
Olha-d'atô	<i>Geophila repens</i>
Ome-d'üa-oso	<i>Culcasia scandens</i>
Osami, ossame, ossami	<i>Afromonum danielli</i>
Oso-moli	<i>Uraspis secunda</i>
Ossobó	<i>Chrysococcyx cupreus</i>
Otaji	<i>Gongronema latifolium</i>
Ototo	<i>Malvastrum coromandelianum</i>
Papafigu, Papafigo	<i>Oriolus crassirostris</i>
Pata-pata, Pata pata	<i>Selene dorsalis</i>
Pau-ferro	<i>Margaritaria discoidea</i>
Pau-purga	<i>Croton draconopsis</i>
Pempen	<i>Dracaena laxissima</i>
Pixi-fumu, Peixe fumo	<i>Acanthocybium solandri</i>
Pixi-magita, Malagueta	<i>Pagellus bellottii bellottii</i>
Po-impe, Pau-impé	<i>Olea capensis</i>
Po-kali	<i>Alchonea laxiflora</i>
Po-vilo	<i>Scytopetalum klaineinum</i>
Quissobó	Nome científico não encontrado
Sada	<i>Eretmochelys imbricata</i>
Ambulância	<i>Dermochelys coriacea</i>
Salamba	<i>Dialium guineense</i>
Samangugú	<i>Hysterochrates apostolicus</i>
Santaji-basu-kafe	<i>Elytraria marginata</i>
Selê	<i>Carangoides bartholomaei</i>
Sêlê-alê, Celê-alê, Celê-celé	<i>Leea tinctoria</i>
Selêlê, Sêlele	<i>Nectarinia newtoni</i>
Selêlê-mangotchi, Selele-mangotchi	<i>Dreptes thomensis</i>
Selô-sum-zóm-maiá	<i>Eryngium foetidum</i>

Itens nativizados e nomes/grafias alternativas	Nome científico
Sêsa	<i>Theron sanctithomai</i>
Sêsê-limê	<i>Psophocarpus scandens</i>
Soá-soá	<i>Philothamnus thomensis</i>
Sôdon-kampu	<i>Rynchosia minima</i>
Sopa	<i>Kyphosus incisor</i>
Suinsuin	<i>Uraeginthus angolensis</i>
Swaswa	<i>Rinorea molleri</i>
Tatô	<i>Lepidochelys olivacea</i>
Tese, Tesse	<i>Rinorea thomensis</i>
Tome-gaga, Tomé-gagá	<i>Terpsiphone atrochalybeia</i>
Tonfonso	<i>Adenostemma perrottetii</i>
Truqui, Truquí, Truqué, Bate-asas	<i>Prinia molleri</i>
Ukwe-tlaxi	<i>Phyllanthus amarus</i>
Ukwêê	<i>Palisota pedicillata</i>
Ukwêê-d'awa, Uncoetê	<i>Costus afer</i>
Untwe	<i>Chrysophyllum albidum</i>
Untwe-d'òbò	<i>Crysophyllum africanum</i>
Veludu, Cola de macaco, Cacau do mato,	<i>Trichilia grandifolia</i>
Vlêmê, Peixe-novo, Vermelho, Pixi-Novu	<i>Apsilus fuscus</i>
Vunun	<i>Ehretia scrobiculata</i>
Xtlofi-d'òbò	<i>Diplocyclos palmatus</i>
Zamumu, Zamumo	<i>Gambeya africana</i>
Zanve	<i>Tylosurus acus rafale</i>
Zaya, Peixe-agulha-kyô	<i>Cassia podocarpa</i>
Zenze	<i>Pachylobus edulis</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeyer 2013; Becker 2008; Madaleno 2020; Rodrigues et al. 2020; STP 2007)

## 4.2 Decalque

Um grupo formado por 74 itens do corpus contém itens incorporados via tradução (do termo santome para o português). Portanto, esses itens foram classificados como decalque, aqui entendido como '[...] a aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim' (Assumpção Jr. 1986: 109). Os exemplos evidenciam que a língua emprestadora oferece um modelo, mediada por falantes bilíngues, e a língua receptora pode ou não alterar o material segmental (Sandmann 1992). No exemplo (9)a, o item endêmico *Schistometopum thomensis* recebeu o equivalente *cobra-amarela*.

Tanto em santome, como em português, o espécime é identificado como uma cobra, porém se trata de um anfíbio do grupo dos gimnofionos, isto é, um tipo de cobra-cega (Stoelting et al. 2014). A planta *Abutilon striatum*, nativa do Brasil, onde é conhecida como ‘lanterna-chinesa’, e a ave *Speirops lugubris*, nativa de STP, ambas possuem nomes oriundos de decalques dos itens lexicais do santome. No entanto, ambas igualmente, representam itens lexicais típicos do português de STP, independente da origem do exemplar. Assim, a ave *Speirops lugubris* é endêmica e seu nome em português vernacular é um decalque, **wê-glosu**, literalmente olho-grosso, em (9)b. A planta *Abutilon striatum*, por sua vez, mesmo tendo origem no Brasil, não teve o seu nome ‘brasileiro’ incorporado ao português de STP, pois o nome amplamente usado é um decalque da forma santome, **mata-bwê**, literalmente mata-boi, como em (9)c. Desta forma, os decalques são também recursos para ampliação do léxico no português contemporâneo de STP. Todos os decalques são palavras compostas no português vernacular<sup>21</sup>.

- 9) a) Cobra-amarela. *Schistometopum thomensis*<sup>22</sup>  
 b) Olho-grosso. *Speirops lugubris*  
 c) Mata-boi. *Abutilon striatum*<sup>23</sup>

Foram coletados na literatura 60 itens com apenas um equivalente; dentre eles, há um par de homônimos em português: o item *olho-grosso* listado por Rodrigues et al. (2020) é um peixe e o item listado por Araujo & Hagemeijer (2013, s. v.) e Becker (2008: 192) é uma ave.

Tabela 3: Decalques.

Decalque	Nome científico
Apaga-olho-branco	<i>Elaeophorbium drupifera</i>
Árvore-sem-folha	<i>Euphorbia tirucalli</i>
Barba-de-barata	<i>Acacia kamerunensis</i>
Barriga-no-chão	<i>Achyropermum oblongifolium</i>
Búzio do mar	<i>Aphlysia sp.</i>
Café-do-mato	<i>Bertiera racemosa</i>
Caneleira-brava, Canela brava	<i>Cinnamomum burmanni</i>
Cobra-amarela	<i>Schistometopum thomensis</i>
Cobra-preta	<i>Naja peroescobari</i>
Cola-do-congo	<i>Buchholzia coriacea</i>
Coração-do-chão	<i>Pleurotus tuberregium</i>
Coração-rijo	<i>Warneckea membranifolia</i>
Corde-de-casa-do-mato	<i>Jasminum bakeri</i>

21 O padrão dos compostos toponímicos é igualmente semelhante (Balduino et al. 2021).

22 Em santome: **koblo-bôbô** [ˈkoblɔ boˈbo] (n.) Cobra-amarela. *Schistometopum thomensis*. (A & H 2013, s. v.).

23 Em santome: **mata-bwê** [ˈmataˈbwê] (n.) Mata-boi. *Abutilon striatum* (A & H 2013, s. v.).

Decalque	Nome científico
Feijão-do-mato	<i>Clitoria falcata</i>
Feijão-flor	<i>Centrosema pubescens</i>
Figo-porco, Figo-plocô, Figo plocó	<i>Ficus mucoso</i>
Flor-de-coral, Glom-congo	<i>Jatropha multifida</i>
Folha da fortuna	<i>Kalanchoe pinnatum</i>
Folha-agulha	<i>Ludwigia erecta</i>
Folha-camarão	<i>Nefrolepis bisserrata</i>
Folha-centopeia	<i>Chamaesyce hirta</i>
Folha-da-mina, Fia damina	<i>Bryophyllum pinnatum</i>
Folha-de-igreja	<i>Pneumatopteris oppositifolia</i>
Folha-formiga-vermelha	<i>Chamaesyce serpens</i>
Folha-fraqueza	<i>Laportea aestuans</i>
Folha-leve-homem	<i>Dicranopteris linearis</i>
Folha-malícia, Fia malicha	<i>Mimosa pudica</i>
Folha-manuel-homem	<i>Synedrella nodiflora</i>
Folha-pedra, Fiá-budo	<i>Elephantopus mollis</i>
Folha-porco	<i>Commelina congesta</i>
Folha-preta, Fia pletu	<i>Datura metel</i>
Folha-vela	<i>Tristemma litoralle</i>
Mãe-de-caqui, Mãe de caqui	<i>Myripristis jacobus</i>
Mata-boi	<i>Abutilon striatum</i>
Mulher-estendeu-mão-estendeu-pé	<i>Paspalum conjugatum</i>
Óleo-barão, Pau amarelo	<i>Symphonia globulifera</i>
Olho-grosso	<i>Caranx latus</i>
Olho-grosso	<i>Speirops lugubris</i>
Pau-água	<i>Grumilea venosa</i>
Pau-azeitona	<i>Manilkara multinervis</i>
Pau-branco, Pau mole, Branco	<i>Tetrorchidium didymostemom</i>
Pau-caixão, Pau caixão	<i>Pycnanthus angolensis</i>
Pau-capitão, Pó capiton	<i>Celtis mildbraedii</i>
Pau-castanha, Fruta-pão	<i>Artocarpus altilis</i>
Pau-chapelinho	<i>Cola digitata</i>
Pau-de-cola	<i>Sterculia acuminata</i>
Pau-espinho	<i>Dalbergia ecastaphyllum</i>
Pau-esteira, Pau esteira	<i>Pandanus thomensis</i>



Decalque	Nome científico
Pau-flor, Filanto	<i>Breynia disticha</i>
Pau-foguete, Po fuguete	<i>Desmanthus virgatus</i>
Pau-leite	<i>Funtumia elastica</i>
Pau-nicolau, Pau formiga	<i>Pauridiantha floribunda</i>
Pau-sabão, Pau sabão	<i>Dracaena arborea</i>
Pau-sangue, Pau sangue	<i>Harungana madagascariensis</i>
Pau-tabaque, Tabaque	<i>Cordia platythyrsa</i>
Pau-vermelho	<i>Stauditia pterocarpa</i>
Pega-rato	<i>Pupalia lappacea</i>
Peixe-cabra	<i>Branchiostegus semifasciatus</i>
Peixe-serra	<i>Scomberomorus tritor</i>
Pêssego-de-São-Tomé, Pessegueiro	<i>Chytranthus mannii</i>
Vara-da-praia	<i>Turraea vogelii</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeyer 2013; Becker 2008; Madaleno 2020; Rodrigues et al. 2020; STP 2007)

No corpus, há também itens com mais de um equivalente. Isso implica dizer que, muitas vezes, a técnica de incorporação não se limita ao decalque, recorrendo à nativização ou ao hibridismo. O réptil *Philothamnus thomensis*<sup>24</sup>, por exemplo, recebeu o equivalente ‘cobra-verde’, por se tratar de um decalque semântico, posto que a espécie apresenta uma coloração esverdeada. Adicionalmente, Becker (2008: 195) menciona como equivalente a forma nativizada com a grafia aportuguesada *soá-soá*. Por este motivo, o item foi listado na categoria decalque e nativização. Já o item *Allophylus africanus* foi documentado como *pau-três* (um decalque) por (Araujo & Hagemeyer 2013, s. v.) e como *pau-tleche* (uma forma híbrida) por STP (2007: 19) e Becker (2008: 197).

**Tabela 4:** Decalques com mais de um equivalente.

Decalque	Nome científico
Cobra-verde, Soá-soá	<i>Philothamnus thomensis</i>
Cola-macaco, Veludu	<i>Trichilia grandifolia</i>
Erva-cão, Capim-vassoura, Capim-de-burro	<i>Eleusine indica</i>
Folha-boba, Pimenta-dos-índios	<i>Piper umbellatum</i>
Folha-ponto, Matu-bana, Folha-de-ponto	<i>Achyranthes aspera</i>
Pau-óleo, Bálsamo-de-São-Tomé	<i>Santiria trimera</i>
Pau-parteira, Pau-cabra	<i>Trema orientalis</i>

24 Araujo & Hagemeyer (2013) também utilizam a forma *swaswa* para a nativização do nome da planta *Rinorea molleri*, da família das violáceas.



Decalque	Nome científico
Pau-preto, Unha-preta	<i>Polyalthia oliveri</i>
Pau-sabrina, Gófe	<i>Musanga cecropioides</i>
Pau-três, Pau-tleche	<i>Allophylus africanus</i>
Pau-três-do-mato, Pau-tleche	<i>Allophylus grandifolius</i>
Pixi-fumu, Peixe fumo	<i>Acanthocybium solandri</i>
Pixi-Nuvu, Peixe-novo	<i>Apsilus fuscus</i>
Pó-lixia, Folha-lixia	<i>Ficus exasperate</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeyer 2013; STP 2007; Becker 2008; Madaleno 2020)

### 4.3 Híbridismo

Os itens classificados como híbridos são leixias compostas que contêm uma parte componente em português (um item vernáculo consagrado no português padrão) e outra nativizada. O item (10) a, *Morinda lucida*, foi inicialmente incorporado pelo processo de nativização, listado na Tabela 2. Posteriormente, o item *Sacosperma paniculatum* foi incorporado tendo o primeiro componente mantido sua forma nativizada, enquanto o segundo componente, **d'ôbô**, foi traduzido para 'do mato', como em (10)b. Contudo, não se trata de uma regra incorporar o item **ôbô** como 'do mato', pois no *corpus* são encontradas as formas 'do bosque', 'do mato', 'silvestre' e a forma nativizada 'd'ôbô/d'ôbô/do-obô' como equivalentes. Esse tipo de formação se refere, comumente, a uma subespécie.

- 10) a) Gligô. *Morinda lucida*  
 b) Gligô-do-mato. *Sacosperma paniculatum*  
 c) Nespereira do bosque. *Uapaca guineensis*<sup>25</sup>  
 d) Mamão-do-obô. *Drypetes glabra*<sup>26</sup>  
 e) Café silvestre. *Psychotria principensis*<sup>27</sup>

Do ponto de vista linguístico, a formação híbrida pode apresentar duas estratégias: a utilização de um componente consagrado na língua portuguesa padrão com outro componente nativizado, como em (11)a, e um componente de decalque e outro nativizado, como peixe-agulha em (11) b. Há itens híbridos com o primeiro componente em português, em 11(a), e com o primeiro em santome, 11(b), e alguns com mais de dois componentes, (11)c. Uma avaliação das propriedades semânticas dos itens híbridos foge ao escopo deste artigo, mas não pode ser descartada como tema de uma pesquisa futura.

25 Em santome: **nêxpla-d'ôbô** ['neʃpla do'bo] (n.) Nespereira do bosque. *Uapaca guineensis* (A & H 2013, s. v.).

26 Em santome: **mamon-d'ôbô** [ma'mõ do'bo] (n.) Mamão-do-obô. *Drypetes glabra*. (A & H 2013, s. v.).

27 Item mencionado em STP (2007: 82).

- 11) a) Búzio d'òbô. *Archachatina bicarinata*<sup>28</sup>  
 b) Fia-língua-de-vaca. *Cyrtorchis henriquensiana*<sup>29</sup>  
 c) Peixe-agulha-kyô. *Tylosurus acus rafale*<sup>30</sup>

Na Tabela 5, o item lexical *pau-dumo*, por exemplo, foi registrado em STP (2007) três vezes, para três espécies diferentes: *Ochna membranacea*, *Campylospermum vogelii* e *Psychotria molleri*. Já A & H (2013) registram o mesmo item lexical, ambas como *pau-dumo*, relativo a duas espécies, *Ochna membranacea* e *Psychotria molleri*. Contudo, uma das espécies, a *Psychotria molleri*, foi documentada por STP (2007: 82) como *pau-duno*. Nas Tabelas 5 e 6, os itens híbridos estão sublinhados.

**Tabela 5:** Híbridismo: itens com o primeiro componente português

Forma híbrida	Nome científico
Batata pim-pim	<i>Peponium vogelii</i>
Búzio d'òbô	<i>Archachatina bicarinata</i>
Mamão-do-obô	<i>Drypetes glabra</i>
Palmeira-d'òbô	<i>Mapania ferruginea</i>
Pau-ama	<i>Premna angolensis</i>
Pau-dado	<i>Ouratea nutans</i>
Pau-dumo, Pau dumo	<i>Campylospermum vogelii</i>
Pau-dumo	<i>Ochna membranacea</i>
Pau-dumo, Pau-duno	<i>Psychotria molleri</i>
Pau-fede	<i>Celtis gomphophylla</i>
Peixe-agulha-kyô	<i>Tylosurus acus rafale</i>
Voador-panhã	<i>Cheilopogon melanurus</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeyer 2013; Becker 2008; Madaleno 2020; STP 2007)

A Tabela 6 traz exemplos de híbridismo com o primeiro componente nativizado e o segundo do português. Esse segundo componente pode ser um adjetivo ou um advérbio. O item *tordo* (de São Tomé), referente à ave endêmica *Turdus olivaceofuscus*, aparece em STP (2007: 98, 101) como *tordo*, sem menção ao equivalente português <tordo>. É difícil estabelecer se se trata de uma nativização da palavra santome *tôdô* ['todo] 'tordo', ela mesma um empréstimo do português para o santome, ou se estamos lidando com uma forma nativizada do santome para o português, ou ambos.

28 Em santome: *bunzu-d'òbô* ['bũzu do'bo] (n.) Búzio do mato (A & H 2013, s. v.) e búzio d'òbô *Archachatina bicarinata*. (Becker 2008: 196).

29 STP (2007: 97).

30 Em santome: *guya-kyô* ['guja 'kjo] (n.) Peixe-agulha-kyô. *Tylosurus acus rafale* (A & H 2013, s. v.). STP (2007: 103) apresenta a grafia *agulha-quio* e a variante nativizada *zanve*.

**Tabela 6:** Hibridismo: itens com o primeiro componente nativizado

Forma híbrida	Nome científico
Chile branco, Tichile-branco	<i>Drymaria cordata</i>
Gligô-do-mato	<i>Sacosperma paniculatum</i>
Malapião-mulher	<i>Zanthoxylum rubescens</i>
Mangue-da-praia	<i>Rizophora harrisonii</i>
Mussa branca e vermelha, Musa fria (Madaleno 2020: 3)	<i>Thunbergianthus quintasii</i>
Ototo-grande	<i>Sida acuta</i>
Ototo-pequeno	<i>Urena lobata</i>
Tordo de São Tomé	<i>Turdus olivaceofuscus</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeijer 2013; Becker 2008; Madaleno 2020; STP 2007)

Nesse sentido, uma das dificuldades de se trabalhar com a neologia, tema desta seção, envolve estabelecer a difícil fronteira de influências múltiplas. Segundo Perini-Santos (2015), em situações de contato, as influências linguísticas mútuas perduram por muito tempo, sobretudo no caso da coexistência de línguas em contextos multilíngues, o que se reflete em influências duradouras. Diante disso, mesmo que o contato entre as línguas tenha fim ou diminua, as influências persistem e podem ser conservadas por diversas gerações. Um exemplo dessa influência contínua mencionada por Perini-Santos (2015: 35) foi observada na relação entre o latim e as línguas neolatinas: o primeiro não somente deu origem a essas línguas, mas conviveu com elas durante muito tempo. Igualmente, a convivência foi responsável por influências que vão além da relação genética, sendo necessário analisar a contribuição do latim para as línguas filhas em uma perspectiva de contato linguístico, pois era uma língua empregada em algumas situações mesmo depois de ter sido substituída pelos vernáculos. Em São Tomé, essa múltipla atuação do português no santome e vice-versa se conservou mesmo que a língua santome não esteja mais em uso difundido na sociedade. Sua influência se mantém por diversas gerações, resultando na manutenção das influências linguísticas mútuas durante um longo período de tempo, mesmo depois que a situação de contato termina (no caso do santome, com sua obsolescência, caso a língua venha a ser completamente abandonada). Assim sendo, as múltiplas influências presentes em um determinado momento podem ser sentidas no intervalo de várias sincronias, como também pode ser observado no *papiamentu* (pap), outra língua crioula de base portuguesa (Freitas et al. 2019).

De maneira semelhante aos itens lexicais formados por decalques, alguns itens híbridos convivem com formas concorrentes nativizadas ou produtos de tradução, portanto, há híbridos com mais de um equivalente. Na Tabela 7, os itens lexicais com partes híbridas estão sublinhados e suas formas concorrentes (nativizadas ou decalques) estão igualmente listadas.

**Tabela 7:** Itens lexicais híbridos com mais de um equivalente (decalque ou nativizado)

Forma híbrida, etc.	Nome científico
Belo-vermeho, Caruru	<i>Amaranthus graecizans</i>
Folha de micocó, Alfavaca-cravo	<i>Ocimum gratissimum</i>
Guêguê, Gêgê, Guêgue, Safu-do-mato, Zenzém	<i>Pseudospondias microcarpa</i>
Kata-kwene, Kata-grande	<i>Rauwolfia caffra</i>
Kata-manginga, Kata-pequena	<i>Rauwolfia vomitoria</i>
Papafigu, Papa-figo de São Tomé	<i>Oriolus crassirostris</i>
Pau-cruz, Alho-d'òbô, Alho d'òbô	<i>Psychotria peduncularis</i>
Pau-três, Pau-tleche	<i>Allophylus africanus</i>
Peixe-agulha-kyô, Zanve	<i>Tylosurus acus rafale</i>
Po-impe, Pau-Impé	<i>Olea capensis</i>
Selê, Xerelete-amarelo	<i>Carangoides bartholomaei</i>

Fonte: (Araujo & Hagemeyer 2013; Becker 2008; Madaleno 2020; STP 2007)

Em resumo, o português vernacular contemporâneo recorre a uma série de estratégias para incorporar palavras de fauna e flora oriundas de empréstimos. Essas estratégias incluem a nativização, o decalque e a formação de compostos híbridos que contêm componentes do português padrão e componentes incorporados via nativização ou decalque.

## 5. Considerações finais

A língua portuguesa em São Tomé e Príncipe passa por um momento de expansão que tem promovido a obsolescência das demais línguas faladas no território (Santiago & Agostinho 2020). Contudo, esta expansão também se alimenta da herança linguística das línguas minoritárias locais. Balduino et al. (2021) demonstram, por exemplo, como um quinto dos topônimos de STP é formado, total ou parcialmente, por itens lexicais de étimo das línguas locais, como *Ubua Coconja* e *Favorita Luchan*. Estes itens lexicais nativizados e híbridos são empregados por toda a população para nomear esses acidentes geográficos.

Assim como no caso dos topônimos, a expansão lexical nas áreas de fauna e de flora do português vernacular se alimenta localmente das línguas minoritárias. O contato linguístico, portanto, permite a emergência de uma variedade de português com influências lexicais únicas, subproduto das mudanças socioculturais desde a independência política do país e da escolha do português como língua oficial. Este texto pretendeu mostrar a vitalidade e o padrão linguístico da incorporação de itens lexicais via empréstimo no português.

Basicamente, demonstramos que ocorrem três tipos de adaptação linguística: a nativização, o decalque e o hibridismo. A nativização é o padrão com o maior número de dados documentados. Três fatores contribuem para isso: a semelhança estrutural do português com o santome

(principalmente no nível segmental e silábico, posto que se trata de sistemas muito similares), as características de uma população que conta com bilíngues e usuários passivos da língua santome, e a difusão intergeracional do conhecimento ancestral desses falantes na nomeação do mundo natural. Tanto o decalque como o hibridismo são tentativas de incorporar os itens lexicais compostos. O decalque recorre à busca pelos falantes de itens equivalentes em português, ao passo que o hibridismo incorpora componentes com decalques e nativizadas e também recorre a formas consagradas no português padrão. Desse modo, esse contato e atrito deixam marcas em todos os envolvidos, embora o capital linguístico da língua portuguesa permita sua expansão e dominância no cenário multilíngue do país.

## Referências bibliográficas

- Agostinho, A. L.; Balduino, A. M.; & Araujo, G. A. de (2020). Nasalization processes in Lung'le. *Alfa*, 64, 1, 1–27. <<https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11574>>.
- Araujo, G. A. de (2020a). Há uma política linguística para o português em São Tomé e Príncipe? In S. Souza, & F. Calvo Olmo (Eds.), *Línguas em português. A Lusofonia numa visão Crítica* (pp. 173–197). Porto: University of Porto Press.
- . (2020b). Ideophones and Realia in a Santome/Portuguese Bilingual Dictionary. *Languages*, 5, 4, 56.
- . (2020c). Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, 22, 57–78. <<https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n1a32012>>.
- Araujo, G. A. de; & Agostinho, A. L. (2010). Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, 26, 49–81.
- Araujo, G. A. de; & Balduino, A. M. (2019). Nasalização Vocálica no Português Urbano de São Tomé e Príncipe. *Diacrítica*, 33, 2, 41–68. <<https://doi.org/10.21814/diacritica.256>>.
- Araujo, G. A. de; & Hagemeyer, T. (2013). *Dicionário livre santome/português (Livlu-n glandji santome/putugêji)*. São Paulo: Hedra.
- Assumpção Jr., A. P. de (1986). *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença.
- Balduino, A. M. (2018). *A nasalidade no português de São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Balduino, A. M.; & Araujo, G. A. de (2021). *Tautosyllabic Vowel Nasalization in the Portuguese of São Tomé*. São Paulo.
- Balduino, A. M.; Araujo, G. A. de; & Agostinho, A. L. (2021). São Tomé and Príncipe's toponymy. *Acta Scientiarum Language and Culture*, 43, 2.
- Bandeira, M. (2017a). *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. München: Lincom.
- . (2017b). *Reconstrução fonológica e lexical do protocrioulo do Golfo da Guiné*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Bandeira, M.; Araujo, G. A. de; & Finbow, T. (2021). The Gulf of Guinea Proto-Creole and its Daughter Languages: from Liquid Consonants to Complex Onsets and Vowel Lengthening. *Journal of Language Contact*, 14, 3.
- Baxter, A. N. (2018). O Português dos Tongas de São Tomé. In M. S. D. Oliveira, & G. Antunes de (Eds.), *O Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/FAPESP.

- Becker, K. (2008). *São Tomé & Príncipe: The Bradt Guide*. Chesham: Bradt Travel Guides.
- Bell, R. C. (2016). A New Species of *Hyperolius* (Amphibia: Hyperoliidae) from Príncipe Island, Democratic Republic of São Tomé and Príncipe. *Herpetologica*, 72, 4, 343–351, 349. <<https://doi.org/10.1655/Herpetologica-D-16-00008.1>>.
- Best, C. T.; & Tyler, M. D. (2007). Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In M. Munro, & O.-S. Bohn (Eds.), *Second language speech learning* (pp. 13–34). Amsterdam: John Benjamins. <<https://doi.org/10.1075/llt.17.07bes>>.
- Bouchard, M.-E. (2017). *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. New York: New York University.
- . (2019). Ongoing change in post-independence São Tomé: The use of rhotics as a marker of national identity among young speakers of Santomean Portuguese. *Language Variation and Change*, 31, 21–42. <<http://doi.org/10.1017/S0954394518000182>>.
- Calabrese, A.; & Wetzels, W. L. (Eds.) (2009). *Loan Phonology*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins.
- Eberhard, D.; Simons, G.; & Fennig, Ch. (Eds.) (2019). *Ethnologue: Languages of the World. Twenty-second edition*. Dallas: SIL International.
- Ferraz, L. I. (1979). *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- Figueiredo, E. (1994). Diversity and endemism of angiosperms in the Gulf of Guinea islands. *Biodiversity & Conservation*, 3, 785–793. <<https://doi.org/10.1007/BF00129658>>.
- Freitas, M. A. (1992). Empréstimos, teoria auto-segmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 71–81. <<https://doi.org/10.20396/cel.v23i0.8636846>>.
- Freitas, S. S.; Araujo, G. A. de; & Bandeira, M. (2019). The Sephardic Jews in Curaçao and their role in the formation of Papiamentu. *Alfa*, 63, 11–36. <<http://doi.org/10.1590/1981-5794-1904-1>>.
- Jones, P.; & Tye, A. (2006). *The Birds of São Tomé and Príncipe with Annobon Islands of the Gulf of Guinea*. Oxford: British Ornithologists' Union/British Ornithologists' Club.
- Kang, Y. (2003). Perceptual similarity in loanword adaptation: English postvocalic word-final stops in Korean. *Phonology*, 20, 219–273. <<http://doi.org/10.1017/S0952675703004524>>.
- Lee, S. H. (2003). Síncopa, Brevis Brevians e Acento no Português Brasileiro. *Letras de Hoje*, 38, 4, 163–176.
- Madaleno, I. M. (2020). Medicinal Flora from S. Tomé, Africa. Paper presented at the Tropentag 2020, Germany, 9–11/09/2020.
- Nascimento, A. (2000). *Relações de poder e quotidiano nas roças de S. Tomé e Príncipe: de finais de oitocentos a meados do presente século*. Universidade Nova de Lisboa.
- Paradis, C. (1996). The inadequacy of filters and faithfulness in Loanword Adaptation. In J. Durand, & B. Las (Eds.), *Current trends in phonology*. Salford: University of Salford Publications.
- Paradis, C.; & Label, C. (1994). Contrasts from Segmental Parameter Settings in Loanwords: Core and Periphery in Quebec French. In *Proceedings of the MOT Conference on Contrasts in Phonology. Toronto Working Papers in Linguistics*, 13, 75–94.
- Peet, N. B.; & Atkinson, P. W. (1994). The biodiversity and conservation of the birds of São Tomé and Príncipe. *Biodivers. Conserv* 3., 3, 851–867. <<https://doi.org/10.1007/BF00129663>>.
- Perini-Santos, P. (2015). Questionando a regularidade da formação das preposições: comentário sobre acidentes e contatos linguísticos. *Papia*, 25, 27–37.
- Rodrigues, N. V.; Bertoncini, Á.; & Fontes, J. (2020). Peixes Marinhos Comerciais de São Tomé e Príncipe. In IPL/Mare/UniRio (Ed.). Leira/Rio de Janeiro: Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar/Mare/UniRio.

- Rougé, J.-L. (1991). Les langues des Tonga. In E. d'Andrade, & A. Kihm (Eds.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa* (pp. 171–176). Lisboa: Colibri.
- Sandmann, A. (1992). *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto.
- Santiago, A. M.; & Agostinho, A. L. (2020). Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana*, 21, 39–61.
- Steriade, D. (2002). *The phonology of perceptibility effects: The P-map and its consequences for constraint organization*. UCLA.
- Stoelting, R. E.; Measey, G. J.; & Drewes, R. C. (2014). Population Genetics of the São Tomé Caecilian (*Gymnophiona: Dermophiidae: Schistometopum thomense*) Reveals Strong Geographic Structuring. *PLOS ONE*, 9, 8, e104628. 10.1371/journal.pone.0104628.
- STP, Governo de (2007). National Report on the Status of Biodiversity in S. Tomé and Príncipe. In Environment, Directorate General for (ed.). Ministry for Natural Resources and the Environment.
- Viaro, M. E. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.
- Walker, R. (2007). Nasal and oral consonant similarity in speech errors: Exploring parallels with nasal consonant harmony. *Language and Cognitive Processes*, 22, 7, 1073–1113. <<http://doi.org/10.1080/01690960701317859>>.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.



